



Design e espiritualidade:
aproximar para regenerar

DESIGN E ESPIRITUALIDADE: APROXIMAR PARA REGENERAR

DESIGN AND SPIRITUALITY: BRINGING TOGETHER FOR REGENERATION

Karine de Mello Freire

sejaattransformacaodomundo@gmail.com – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Gustavo Berwanger Bittencourt

gustavomini@gmail.com – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Carolina Tomaz Barbosa

carolinatomazbarbosa@gmail.com – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo: O contexto de policrisis, pelo qual passa a humanidade, vem estimulando os designers a questionarem teorias e práticas históricas de seu campo em busca de abordagens que permitam projetar futuros de forma sustentável. Partindo do pressuposto de que a sustentabilidade depende da regeneração, este artigo desenvolve uma proposta teórico-metodológica articulando os conceitos de codesign, interser e sentipensar, encontrando no exercício da espiritualidade, uma base para que designers projetem de forma regenerativa em busca da sustentabilidade. Tal articulação colabora para reduzir a distância entre o design e a espiritualidade, recurso com potencial ético, estético e político, mantidos apartados pela via ortodoxa, mas valorizado por pesquisadores como Walker, Escobar e Akama.

Palavras-chave: regeneração; espiritualidade; codesign.

Abstract: *The context of policrisis humanity is currently undergoing is prompting designers to question historical theories and practices within the field, seeking approaches that allow for the design of sustainable futures. Operating on the premise that sustainability relies on regeneration, this article develops a theoretical-methodological proposal that articulates the concepts of codesign, interser, and 'sentipensar,' finding in the exercise of structured spirituality a basis for designers to project regeneratively, aiming for sustainability in a recursive movement. This articulation contributes to bridging the gap between design and spirituality, a resource with ethical, aesthetic, and political potential, kept apart by orthodox thinking but valued by researchers such as Walker, Escobar, and Akama.*

Keywords: regeneration; spirituality; codesign.

1. Introdução

A humanidade enfrenta um momento crucial, caracterizado por uma série de crises interdependentes, como Morin (1990) definiu, denominando-as "policrises". Essas crises afetam os sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais existentes, que há muito se baseiam em paradigmas mecanicistas, cartesianos, patriarcais e capitalistas (Shiva, 1998; Mies; Shiva, 2014).

O Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental para a Mudança do Clima (IPCC), órgão das Nações Unidas, adverte que as próximas décadas trarão impactos devastadores da mudança climática, afetando não apenas os seres humanos, mas todo o planeta. Já estamos testemunhando a escassez de alimentos e água, eventos climáticos extremos como secas, enchentes e ciclones, desastres naturais, doenças e migrações em massa. Essas transformações também têm um impacto significativo na flora e fauna, com estudos indicando que a crise climática pode reduzir a biodiversidade em até 75% até 2075, além de ameaçar centenas de milhões de pessoas com a escassez de água e fome (IPCC, 2022). No entanto, dentro desse cenário, é importante destacar que os mais afetados são os grupos mais vulneráveis, incluindo mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. O relatório ressalta que as decisões tomadas hoje serão cruciais para determinar o destino da nossa espécie no século XXI (IPCC, 2022).

Diante dessa encruzilhada, surge uma questão fundamental: como imaginamos a vida no futuro? Continuaremos a projetar sistemas que destroem o planeta, esgotam seus recursos naturais e agravam a desigualdade, promovendo sociedades individualistas e consumistas? Ou optaremos por projetar em prol da vida em todas as suas formas?

Nossa opção é a de projetar em favor da vida em todas suas formas e essa escolha traz questões mais próprias do campo do design: como fazer isso? Que movimentos projetuais potencializam o projetar nessa direção? Tais perguntas não são novas nem carecem de possíveis respostas. O próprio campo, especialmente em suas periferias, vem produzindo críticas e propostas, buscando na arte, no ativismo político, nos saberes dos povos originários, entre outras fontes, novos subsídios para responder. (Escobar, 2018; Akama, 2018; Ann-Noel; Paiva, 2021). Dentre as variadas propostas, encontramos nos quatro princípios do ecofeminismo, propostos por Howell (1997), um quadro de referência para reflexão e ação nesse sentido.

O primeiro princípio defende que a transformação social é necessária a favor da sobrevivência e da justiça para a promoção da igualdade, diversidade cultural, não-violência e estabelecimento de instituições não hierárquicas, não competitivas e totalmente participativas. Para isso, é necessário a substituição do poder hierárquico por relações de reciprocidade e solidariedade, a fim de formar um movimento descentralizado que promova objetivos comuns e se oponha a todas as formas de opressão e dominação.

Já o segundo princípio diz que a transformação social deve incluir uma transformação intelectual e rejeita a lógica normativa que se baseia no dualismo e em hierarquias estereotipadas.

Acredita-se que o pensamento dual promove atitudes e comportamentos que privilegiam certas visões de mundo, civilizações e, principalmente, a dominação de pessoas sobre pessoas e pessoas sobre natureza. Logo, o ecofeminismo defende um pensamento holístico, integral e sistêmico.

O terceiro princípio adota a ciência da ecologia como base, na qual a natureza deixa de ser tratada como uma mercadoria, ou um objeto que existe para atender aos seres humanos e é valorizada por sua virtude intrínseca. É o contrário do que defende o capitalismo, que percebe a natureza unicamente como fonte de matéria-prima, logo passível de exploração. A perspectiva ecológica defende a importância da diversidade para a sobrevivência, logo todas as espécies são importantes para a saúde e o equilíbrio biológico da nossa biosfera.

E por fim, o quarto princípio, que defende não só a diversidade de espécies, mas também a diversidade humana. Assim, as mulheres, pessoas de cor e os pobres devem ser reconhecidos por seu valor intrínseco e subjetividade, além da diversidade cultural, sexual, religiosa e outras que trazem algum tipo de dominação hierárquica.

A dimensão espiritual também faz parte da abordagem ecofeminista e está alinhada com a perspectiva dos povos indígenas que reconhecem a Mãe Terra como um ser sagrado, resgatando as crenças ancestrais que respeitavam e honravam a natureza e seus ciclos, acreditando que sua sobrevivência vinha dela. Todavia, a imagem da natureza como essa “mãe que nutre”, durante a era moderna, foi sendo substituída pela visão da natureza como uma fornecedora de matérias-primas para atender as necessidades humanas. (Howell, 1997).

A proposta deste artigo é ampliar o debate e trazer uma nova ontologia para elaborar respostas alternativas. Nossa colaboração é baseada na ideia de que a prática espiritual pode oferecer uma experiência de interdependência que possibilita, aos designers, sentipensar em colaboração com humanos e não humanos na prática projetual (Bittencourt; Freire, 2022). Partindo da compreensão de espiritualidade proposta por Brown (2020) e hooks (2021), apresentamos uma definição operacional para esse conceito, neste trabalho: uma busca ativa por significado na vida, que passa por transcender a individualidade e reconhecer, mesmo que apenas no nível intelectual, a conexão com todas as formas de vida, ampliando a própria perspectiva. Para hooks (2021, p. 115) “a vida espiritual diz respeito ao compromisso com uma forma de pensar e agir que honre os princípios de interconexão e simbiose”.

Por muitas vezes estar associada a religiões institucionalizadas, a espiritualidade sempre foi vista com respeito e antagonismo pela ciência como um todo. Essa perspectiva antagonista imiscuiu-se à cultura ocidental tradicional a partir do Iluminismo. Sendo influenciado por esta cultura, o design também se manteve afastado da espiritualidade e poucas são as conexões que se fazem entre essas duas áreas. Encontramos em Walker (2021), Akama (2018) e Ibarra (2020) pontes importantes nesse sentido. Uma vez que se busca orientar o design em direção à sustentabilidade e que a aceitação da sustentabilidade passa por compreender e assumir nossa

conexão com todas as formas de vida, trazer a espiritualidade para a discussão se torna, ironicamente, um passo lógico. Não se trata de negar que há outras formas de fazer essa ligação, mas os variados caminhos espirituais, formais ou não, institucionalizados ou não, detém séculos de conhecimento teórico e prático sobre como os seres humanos podem acessar perspectivas maiores do que seu olhar individual sobre si e sobre o mundo - ou os mundos, como propõe Escobar (2018).

Então, partindo do cenário de insustentabilidade que vivemos e da pergunta sobre como queremos projetar o futuro em que desejamos viver, este artigo sugere que o design precisa assumir-se como coletivo, como codesign e pode se valer da espiritualidade como a prática que dissolve as barreiras artificiais que faz com que nós nos enxerguemos apenas como indivíduos, coadjuvantes isolados dentro do sistema capitalista patriarcal e não como os intersetores conectados em uma rede de relações complexas, capazes de sonhar e projetar coletiva e recursivamente o sistema em que desejamos viver – e não apenas sobreviver. As próximas seções do artigo apresentam, portanto, movimentos projetuais para uma prática de design regenerativa, a partir dessa perspectiva.

2. Para alcançar a sustentabilidade é preciso regenerar

O termo sustentabilidade ainda gera muitas controvérsias. Conforme aponta Blewitt (2008), não existe um consenso sobre o conceito de sustentabilidade, assim como para desenvolvimento sustentável. Há diferentes definições de acordo com o ponto de vista de diferentes grupos de pessoas, acadêmicos e instituições. Para este trabalho, será adotado o conceito apresentado no Relatório de Brundtland, também conhecido como *"Our Common Future"*, publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, que diz que “sustentabilidade é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (Brundtland, 1987, p. 15, tradução nossa). Seguindo a visão de Blewitt, que considera “sustentabilidade” como um objetivo a ser alcançado e “desenvolvimento sustentável” como um processo, pressupõe-se que a busca pelo equilíbrio é dinâmica e mutável (Blewitt, 2008). Portanto, a regeneração é vista como um caminho para atingir esse equilíbrio sustentável.

A compreensão da regeneração como caminho se alinha à proposta de Wahl (2020), que a descreve como um processo de renovação e crescimento que possibilita a evolução contínua da vida em todos os níveis, abrangendo sistemas naturais, ecológicos, sociais, econômicos e culturais. Dessa forma, a regeneração é percebida como um processo transformador que cria condições propícias para o florescimento da vida em sua diversidade, adaptabilidade e resiliência. Assim, a ideia de sustentabilidade é vista como um objetivo de equilíbrio ecossistêmico a ser perseguido, enquanto a regeneração, dada a atual degeneração dos nossos sistemas, emerge como o caminho para alcançar esse objetivo. Em outras palavras, a sustentabilidade é considerada uma meta, mesmo que possa parecer inatingível, e a regeneração é vista como o caminho para alcançar um equilíbrio ecossistêmico desejável.

É importante ressaltar que, ao enfatizar o conceito de regeneração, buscamos destacar a necessidade urgente de projetar futuros que não apenas visem à sobrevivência da espécie humana, mas que também considerem a preservação de todo o ecossistema do qual fazemos parte.

3. Para regenerar é preciso cocriar (entre humanos e não humanos)

A realização de projetos de ambição regenerativa demanda uma abordagem alinhada com os princípios fundamentais da regeneração. Compreendemos que o codesign emerge como um método que se harmoniza com esses princípios, uma vez que possibilita uma abordagem de design contrária aos valores individualistas, hierárquicos, colonialistas e materialistas que têm sido a base da insustentabilidade do estilo de vida moderno (Escobar, 2018). Sanders e Stappers (2008) ressaltam que, quando o design exclui não-designers ao longo de seu processo, ele perpetua a tradicional ideia de que os mais capacitados, fortes e inteligentes utilizam os recursos dos menos preparados para tornar um projeto mais eficiente. Em contraste, o codesign se baseia na colaboração entre designers e não designers em todas as etapas (Sanders; Stappers, 2008).

Embora diferentes abordagens acadêmicas e comerciais de codesign tenham surgido na segunda metade do século XX, o que entendemos aqui como tal, está enraizado nas primeiras experiências de design cooperativo ou participativo que deu voz e poder a trabalhadores da indústria no projeto de softwares na Escandinávia, na década de 70, promovendo práticas e reflexões democráticas no processo (Gregory, 2003; Bødker et al., 2000). É esse o codesign que se alinha com as premissas regenerativa: um método que rompe com o *modus operandi* moderno, construindo um espaço de expressão e ação a todos, promovendo um percurso inteiramente colaborativo e não apenas consultivo – como no caso de processos centrados na figura individual e abstrata do usuário.

Todavia, como afirmam Sanders e Stappers (2008), apesar de todos participarem como designers no processo de codesign, o designer especialista ainda é o principal responsável por sistematizar processos e desempenhar o papel crítico que dá forma às ideias, assumindo algumas vezes o papel, também, de pesquisador. Cabe ao designer especialista elaborar as metodologias e ferramentas que vão promover o espaço de coprojektão. O designer atua como facilitador a fim de estimular o processo criativo ao longo desses quatro níveis e com o objetivo de criar a melhor experiência para que as pessoas expressem suas criatividades (Sanders; Stappers, 2008). Por isso, designers especialistas precisam desenvolver habilidades como aprender a fazer as perguntas certas, entender as informações passadas, criar conceitos, elaborar protótipos e comunicar ideias de forma clara (Ann-Noel, 2020).

Essa responsabilidade implica, também, em uma capacidade de autorreflexão sobre seus vieses e interesses. Ann-Noel e Paiva (2021) destacam a importância de refletir sobre e afirmar nossa posicionalidade no design porque, em suas palavras, “compreender a posicionalidade ajuda as equipes a identificar seus próprios preconceitos e lacunas, aprender como recalibrar sua

composição e equilibrar ideias” gerando processos e resultados mais inclusivos. Eles também propõem que a exclusão no design, muitas vezes, não é intencional, porque está enraizada nas culturas dominantes, por isso é importante que os designers realizem a autorreflexão sobre suas origens - uma habilidade que não deveria ser dada como certa, mas treinada.

Em outras palavras, não basta designers especialistas serem, é preciso que intersejam.

4. Para co-projetar é preciso intersetar

Quando designers percebem o seu papel no processo de cocriação, qual seja, o de metaprojetistas que criam as condições para que os envolvidos realmente participem na criação de propostas regenerativas, eles devem ir além das questões materiais e processuais, avançando nas camadas mais sutis que caracterizam os processos criativos (Bentz; Franzato, 2016). E isso pode ser alcançado por meio da experiência de intersetar. Ao reconhecer que somos seres participantes em um todo dinâmico e interconectado, nós nos percebemos como intersetares.

Intersetar é um termo cunhado pelo monge budista Thich Nhat Hanh (1995) ao fundar a organização budista Ordem do Intersetar em 1966. Intersetar tem origem na expressão vietnamita Tiếp Hiện; Tiếp que significa “estar em contato com” e “continuidade” como Hiện, significa “perceber” e “tornar aqui e agora”. Amparado tanto na filosofia, quanto na prática budista, Hahn (2017, tradução nossa) propõe que “Tudo depende de tudo o mais para se manifestar.” Dessa perspectiva, compartilhada por todas as escolas budistas, não existe fenômeno, incluindo os seres, que exista de forma independente de outros fenômenos; tudo existe dependente de causas, condições e relações. Assim, “Nós não existimos independentemente. Nós intersetamos.” (Hahn, 2017).

Segundo Wahl (2020), a palavra intersetar traz uma mudança de percepção de si e do outro, indo na contramão de uma narrativa da separação imposta pela cultura ocidental vigente e traz uma nova narrativa sobre a humanidade com a comunidade mais ampla da vida, com a natureza. A ideia de intersetar, mesmo que não o termo, faz parte de variadas sabedorias ancestrais. Como aponta Acosta (2010; 2016), segundo a cultura indígena do Xingu, o mundo é habitado por muitas espécies de seres, não apenas do reino animal e vegetal, mas também os minerais. Para essa cultura, a água, o ar e a própria Terra possuem espírito e inteligência próprias. E por isso, devemos compreender que a relação de todos os seres do planeta deve ser encarada como uma relação social, entre sujeitos. Wahl destaca que a cultura indígena sempre percebeu o mundo e suas interconexões, não como uma forma de entender o mundo, mas como uma forma de viver em harmonia com o mundo (Wahl, 2020). Essa cosmovisão está, inclusive, diretamente alinhada e em conexão com a perspectiva ecofeminista, na qual todos os seres são iguais, pois todos são natureza. Por essa razão, não há motivo para separação, hierarquia e subjugação sobre diferentes corpos, independente do gênero, cor, etnia, cultura e espécies, que pela perspectiva ecofeminista é uma das causas raízes de nossas crises atuais (Shiva, 1988; Howell, 1997).

O conceito de interset, trazido para a discussão de uma cultura regenerativa por Daniel Wahl, propõe uma nova narrativa sobre o modo pelo qual humanidade se percebe como natureza, vivendo em comum(unidade) com outras formas de vida com inteligências e capacidade de criação próprias (Wahl, 2020). Como ensina Krenak:

“Nós é que temos uma duração efêmera que vamos acabar secos, inimigos da água, embora tenhamos aprendido que 70% de nosso corpo é formado por água. Se eu desidratar inteiro vai sobrar meio quilo de osso aqui, por isso eu digo: respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (Krenak, 2022; p. 26).

O conceito de interset nos apresenta a vida como interdependente e interconectada e faz do sentipensar um processo de cocriação regenerativo no qual todas as inteligências humanas e não humanas são convidadas a participar. Esse conceito é abarcado pelo que Escobar (2015; 2018) denomina “ontologias relacionais”: modos de ser, nos quais há um entendimento tácito ou formal de que os fenômenos materiais ou imateriais existem primordialmente em relação, não havendo preexistência de nenhuma ordem que constitua a existência. Em outras palavras, “coisas e seres são suas relações; não existem antes delas” (Escobar, 2015, p. 18, tradução nossa). Segundo o autor, cosmovisões indígenas, budistas ou ecofeministas são exemplos de ontologias relacionais. Para ele, ontologias relacionais podem informar um design mais consciente de seu impacto e implicações a partir da compreensão do projeto como um ponto em uma rede de relações complexas e não um âmbito que paira sobre e busca controlar a mesma. De um ponto de vista da interdependência radical, inclusive, não haveria sequer a possibilidade de um design participativo pois participar pressupõe separação entre eu e outro - haveria apenas o design em suas relações. (Escobar, 2018).

5. Para interset é preciso sentipensar

Abraçar o conceito de interset, de forma que oriente o design à regeneração, requer que os designers não limitem seu contato com o projeto e seu contexto apenas através da faculdade racional do pensar, agregando à sua reflexão e prática a operação emocional do sentir. Ibarra (2020), em sua proposta de aproximação entre design e perspectivas latino-americanas, parte de críticas consolidadas por Escobar (2016) às dualidades da modernidade (natureza/cultura, eu/outro, mente/corpo, razão/emoção) e propõe reequilibrar a relação entre os polos racionais e emocionais dessas dualidades, uma vez que a modernidade é marcada pelo racionalismo exacerbado. Encontra um caminho no sentipensar, conceito identificado pelo sociólogo colombiano Orlando Borda na vida de comunidades ribeirinhas da Colômbia, durante projetos de Investigação Ação Participativa. Por sentipensar, Borda entende a combinação de mente e coração para orientar as decisões de vida e Ibarra (2020) propõe que sentipensante é o designer que, ao contrário da perspectiva positivista, se coloca no mundo para pensá-lo, ao mesmo tempo em que é transformada por ele:

design sentipensante é estar em sintonia com as necessidades envolvendo-se nas disputas cotidianas, ratificar as forças comunitárias, perceber o Design Participativo como um processo educativo no sentido de que transformamos e somos transformados pelo mundo, estar atento para nos abrir a outras possibilidades de ser, reconhecer que existe um lado emocional em todas as formas de racionalidade e almejar uma transformação social (Ibarra, 2020, p. 334).

O peso dado ao sentir, na proposta de Ibarra (2020) para o design, busca fazer um contraponto à valorização do pensar na cultura moderna. Expressões como identificação, aprendizagem, diálogo, adaptabilidade e respeito denotam o lugar que o sentir tem no sentipensar que Ibarra (2020) entende ser fundamental no codesign. Ainda assim, vale destacar que, com isso, a pesquisadora busca dissolver hierarquias, não necessariamente invertê-las. Alinhada com Escobar (2016), ela defende a dialogia entre o sentir e o pensar, entre diferentes saberes e técnicas, lembrando que a mera criação de novas hierarquias seria uma continuidade do pensamento moderno, dualista, eurocêntrico e colonialista (Ibarra, 2020). O que se busca, com o sentipensar, é uma não-dualidade, como sugere justamente o conceito de interset.

Para Gómez (2021), inclusive, abraçar o não-dualismo é algo inerente a todas as culturas que partem de cosmovisões holísticas. Assim, a proposta de sentipensar no design (Ibarra, 2020) nos provoca a reimaginar formas de fazer e atuar que não tenham sido inteiramente colonizadas, pois valoriza as pessoas, saberes e territórios locais (Gómez, 2021). Sentipensar com a terra (Escobar, 2015). Sentipensar para projetar a partir dos recursos disponíveis, acessíveis e alinhados com a realidade, saberes e cultura local. Sentipensar para interset.

6. Para sentipensar é preciso espiritualidade autêntica e estruturada

Conceitos como o sentipensar nos tocam por sua profundidade e abrangência, mas, muitas vezes, é difícil traduzi-los em comportamentos e atitudes, ainda mais quando o contexto de sua origem não é tão familiar ao designer. Para não correr o risco de usar, por exemplo, a cultura indígena ou a ribeirinha colombiana sem de fato vivenciá-las, designers buscando sentipensar em seus processos podem aportar neles, como alternativa, práticas que tenham origem em uma relação autêntica e estruturada com a espiritualidade – no sentido proposto por hooks (2021) e Brown (2020). Por uma espiritualidade autêntica, queremos dizer uma prática inserida na vida do designer, parte de sua história e vida cotidiana, um exercício regular em contraste a, por exemplo, um episódio isolado de preparação para um workshop. Autenticidade também se refere a uma espiritualidade que promove valores como o amor e a compaixão, dirigidos equitativamente a todos os seres, humanos ou não, visíveis ou não, não excluindo, direta ou indiretamente, certos grupos sociais. Por espiritualidade estruturada, entendemos que ela provém do contato direto com a linhagem de uma escola que tem consistência filosófica e que fornece orientações práticas, adaptadas à vida contemporânea. Além disso, não se baseia apenas na leitura individual e manualizada de teorias ou escrituras, ela é vivenciada e praticada cotidianamente e coletivamente.

Para Ibarra (2020), sentipensar requer, precisamente, a capacidade de cada um de nós de realizar nossas próprias reflexões, a fim de identificarmos tanto nossos preconceitos, como nosso potencial para a abertura e para uma conexão equânime com aqueles que são, erroneamente na perspectiva do interset, chamados de “os outros”. Consideramos que essa reflexão não pode ser uma simples etapa de um processo de codesign, algo que está apenas relacionado com um determinado projeto, mas sim parte de um compromisso contínuo dos designers em nutrir e amadurecer o seu próprio sentipensar, ao longo da vida. Para tanto, propomos que as práticas espirituais possam trazer estrutura e autenticidade para sentipensar o processo de codesign. Práticas espirituais buscam colocar os processos mentais em um espaço de observação, ao mesmo tempo em que buscam uma compreensão mais ampla da vida e sua impermanência. O foco dessas práticas é buscar o discernimento nas escolhas feitas por outras vias que não apenas a razão. Abrem-se espaços para outros sentires, que foram encapsulados pela sociedade moderna que tem uma racionalidade específica como eixo central da vida, capazes de alimentar a reflexão a partir de valores universais como o amor e a compaixão.

A aproximação de design e espiritualidade, da forma como está sendo proposta aqui, tem raízes na experiência empírica da pesquisa relatada e discutida em Bittencourt e Freire (2020), na qual uma metodologia budista de gestão organizacional foi aportada em um processo de codesign. A Gestão por Mandalas foi co-criada pelo Lama Padma Samten e a comunidade do CEBB – Centro de Estudos Budistas do Bodisatva (Samten, 2013) para gerir uma grande rede de iniciativas que inclui dezenas de aldeias, centros e grupos de estudos budistas, em todo o Brasil. Surgiu da experiência do Lama e dos seus alunos que gerem a rede. O elemento central na Gestão por Mandalas é a noção de que a realidade que nos rodeia é co-emergente com a nossa identidade e a nossa visão e, portanto, a nossa atitude e posição mental são decisivas nas nossas relações “conosco próprios, com o outro, com a sociedade e o ambiente natural” (Samten, 2019). Mandala é uma palavra em sânscrito que tem diversos significados de acordo com a tradição ou linhagem espiritual que a utiliza. No budismo tibetano,

uma mandala geralmente é representada como um círculo que gira em torno de um centro. No nível mais simples, uma mandala pode ser entendida como nós, os estudantes ou praticantes e o mundo fenomênico ao nosso redor. A palavra “mandala” também descreve uma estrutura integrada que é organizada em torno de um princípio unificador central (Mandala, 2018).

A metodologia da Gestão por Mandalas considera que, uma vez que entendem que construímos as identidades, as relações, os grupos sociais e os ambientes que habitamos, os gestores buscam desenvolver uma série de competências e atitudes internas e externas, psicológicas e comportamentais, para que possam gerar benefícios em todas as direções.

Uma dessas habilidades é acalmar nossa mente para identificar e desenvolver a liberdade de nossos próprios padrões de pensamento e comportamento. Com a mente calma, pode-se aplicar a chamada Sabedoria do Acolhimento, que é a capacidade de escutar e acolher as pessoas, considerando suas verdades sem tentar enquadrá-las de forma repressiva, mas

procurando valorizar, especialmente, as suas qualidades positivas – aquelas condutivas a resultados positivos para suas redes e relações (Samten, 2017). Essas disposições levam o designer à construção de relações positivas consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente. Por fim, sentar-se em círculo para empreender o projeto é uma forma prática de demonstrar a Sabedoria do Acolhimento: todos integram o círculo a partir de uma posição equânime, todos podem ver e ouvir uns aos outros com mais facilidade e não há hierarquia física resultante de um púlpito ou palco (Samten, 2018). Essas quatro práticas - acalmar a mente, reconhecer a co-emergência, sentar em círculo e acolher as pessoas em seus contextos – foram incorporadas ao processo de design relatado em Bittencourt e Freire (2020) por conta da conexão pessoal de Bittencourt com o budismo e com o CEBB e deram origem ao processo e framework Mandala Estratégica de Inovação Social.

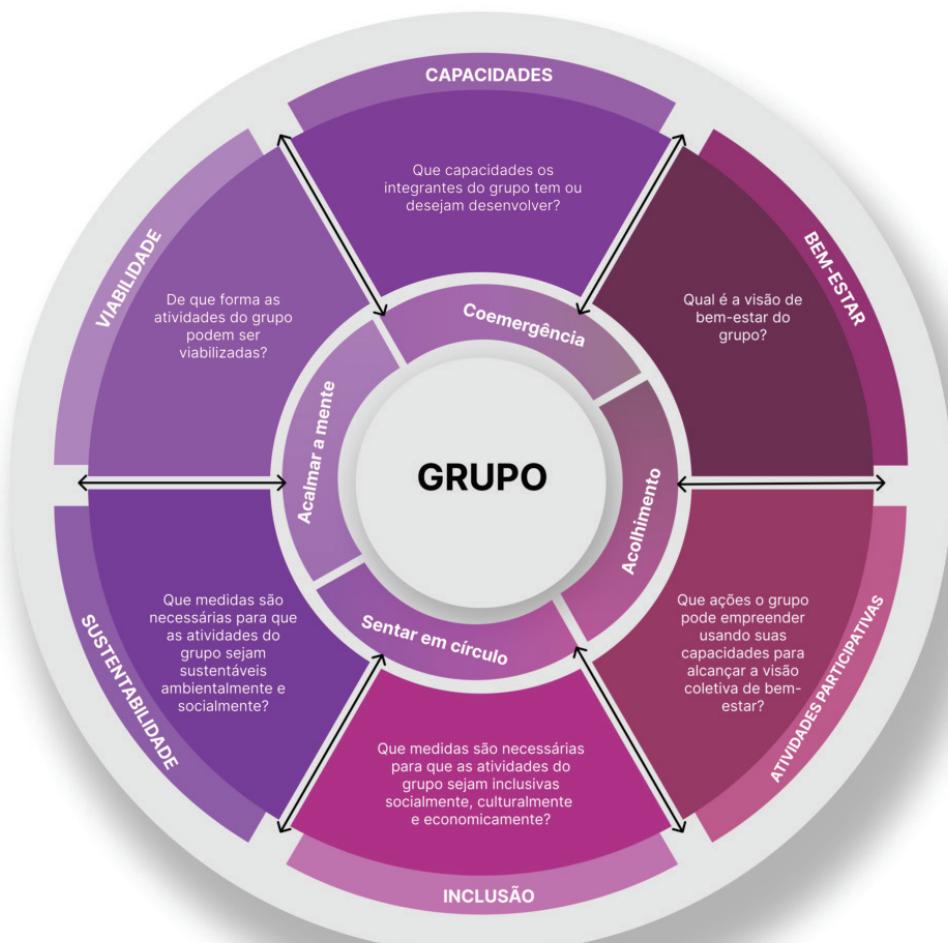


Figura 1 - Mandala Estratégica de Inovação Social (MEIS). Fonte: Bittencourt e Freire, 2020.

Outro exemplo inspirador dessas reflexões, é o de Akama (2018). Ao descrever sua ligação com os povos originários australianos durante um projeto, a pesquisadora japonesa revisita sua

própria formação cultural, marcada pelo conceito de interdependência presente no Zen Budismo, no Taoísmo e no Xintoísmo e nos rituais domésticos de sua própria família – conceito equivalente ao interset. A partir de uma avaliação introspectiva, ela mantém uma perspectiva mais ampla sobre a prática do design, baseada em uma “maior sensibilidade à inter-relação do que já está se tornando-com-muitos no país aborígene” (Akama, 2018). Então, argumenta que essa sensibilidade ampliada requer “um respeito pelos limiares de lugares, situações, conhecimentos, relacionamentos e coisas em reinos do além”. Em outras palavras, ela afirma que requer à capacidade de sentir, neste caso forjada em sua vontade de reunir diferentes aspectos de sua formação, como a formação em design, os projetos de codesign com povos originários e o cotidiano familiar. Como designer sentipensante, Akama se coloca no mundo que cerca seus projetos e é transformada por ele.

Como apontado por Light (2019), esforços paralelos e diversos foram feitos no sentido de construir caminhos para a autonomia de pesquisadores e profissionais em relação à contínua influência europeia e anglo-saxônica na abordagem dos problemas sociais gerados historicamente por essas mesmas culturas. Tal variedade é um sinal positivo de riqueza, fertilidade e maior consciência sobre tais questões, mas também pode confundir pesquisadores e designers em quais aspectos procurar material para a construção de sua autonomia. No caso das duas pesquisas citadas acima, os designers foram capazes de desenvolver um codesign sentipensante quando exploraram uma metodologia a partir de uma conexão espiritual que lhes era íntima e significativa - além de oferecer uma alternativa às abordagens convencionais. Havia fluência em sua ontologia, métodos e operação. Essa metodologia não lhes foi imposta, mas escolhida entre outras possibilidades com base em critérios éticos, estéticos e políticos. Portanto, fazendo eco a Akama (2018), Hagen e Whaanga-Schollum (2019), Light (2019), Ibarra (2020) e Escobar (2015; 2018), defendemos que o sentipensar, no processo de design, começa com a participação do designer na construção rigorosa do próprio sentipensar – e que uma espiritualidade autêntica e estruturada fornece esse rigor.

7. Sentipensações finais

Neste artigo, partimos da premissa, amplamente defendida em abordagens críticas de diversos campos, de que as policrises que habitamos são fruto do paradigma moderno e que os modos de projetar outros futuros passa por buscar fundamentos - e não apenas processos ou ferramentas - diferentes dos que originaram e nutriram o design até agora (Escobar, 2018). Tal busca, entendemos, precisa começar com a aceitação da regeneração como caminho para a sustentabilidade e do codesign como método para o projeto regenerativo. Também propusemos que o codesign encontra sua expressão mais profunda quando designers experienciam o interset através de um sentipensar treinado a partir da vivência de uma espiritualidade autêntica e estruturada.

Propomos, então, esses cinco movimentos projetuais sequenciais: (1) para alcançar a sustentabilidade é preciso regenerar; (2) para regenerar é preciso co-projetar (entre humanos

e não humanos); (3) para co-projetar é preciso intersetar; (4) para intersetar é preciso sentipensar; (5) para sentipensar é preciso espiritualidade autêntica e estruturada. Este encadeamento sequencial não tem a pretensão de ser uma fórmula universal e muito menos a expressão de alguma estrutura subjacente de qualquer ordem. O principal objetivo é abrir pontos de conexão entre as culturas de design e os saberes espirituais de diferentes fontes para que estes possam dar sua contribuição à proposta de um design orientado à regeneração e, portanto, à sustentabilidade. Entendemos que o principal aporte da espiritualidade é oferecer meios para a operação do sentipensar e a experiência de intersetar, binômio que tem o potencial de sacudir a mentalidade e o modo de pensar e projetar dos designers.

Ao destacar a prática do sentipensar no codesign, trazemos uma abordagem para desafiar a dicotomia entre mente e coração, razão e emoção, humano e natureza. A adoção do sentipensar permite a reimaginação de formas de atuação que valorizam os saberes locais, as pessoas e os territórios. A criação de vínculos e conexões, tanto entre os participantes do projeto, quanto com a comunidade e o ecossistema local, torna-se fundamental para a cocriação coletiva e para a transformação social. Além disso, o codesign sentipensante promove um design emancipatório ao romper com métodos preestabelecidos, valorizando a intuição, a fluidez e a autenticidade do processo, tornando-o uma experiência transformadora tanto para o projeto, quanto para as pessoas envolvidas.

No entanto, para que o codesign sentipensante seja efetivo, é crucial que os designers reconheçam sua subjetividade e reflitam sobre suas próprias características e limitações. A consciência de que os designers não saem neutros cultural ou politicamente é fundamental, uma vez que suas emoções e perspectivas influenciam suas decisões e ações, durante o processo projetual. Portanto, uma postura reflexiva e crítica se faz necessária para garantir um codesign inclusivo e participativo, que valorize a diversidade de vozes e promova a construção coletiva de saberes. E é aqui que a prática estruturada da espiritualidade pode trazer uma grande contribuição ao fornecer embasamento filosófico e métodos que proporcionem uma investigação interna mais rigorosa. A jornada do codesign orientado à regeneração via espiritualidade é uma jornada de observação, escuta, sentimento e aprendizado mútuo, onde tanto o projeto, quanto os seres envolvidos são transformados, onde as relações baseadas em afeto, diálogo e colaboração ocupam um papel central.

Por fim, lembramos que, na América Latina, e em especial no Brasil, a espiritualidade em suas mais diversas formas têm grande presença no cotidiano individual e coletivo dos cidadãos, inclusive com impacto na sua qualidade de vida. Praticantes das tradições judaico-cristãs, afro-brasileiras, indígenas, entre outras, organizam-se por todo o país em comunidades criativas, organizações colaborativas ou organizações convencionais projetando visões de futuro e implementando iniciativas alinhadas com suas ontologias e epistemologias, o que tem enormes implicações sociais, culturais e econômicas – positivas e negativas. Não há por que o design se manter alheio a essa força quando o assunto é projetar futuros junto com as comunidades e ecossistemas que mais sofrem com as polições e seus efeitos.

Referências

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir en el caminho del post-desarrollo**: una lectura desde la Constitución de Montecristi. Ecuador: Fundación Friedrich Ebert, FES-ILDIS, 2010.

ACOSTA, Alberto. *O Buen Vivir*: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: SOUSA, Cidoval Moraes (org.). **Um convite à utopia**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. V. 1. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>>. Acesso em: 13 set. 2023.

AKAMA, Yoko. Surrendering to the ocean: practices of mindfulness and presence in designing. In: EGENHOFER, Rachel B. (ed.). **Routledge Handbook of Sustainable Design**. Abingdon: Routledge, 2018.

AKAMA, Yoko; HAGEN, Penny; WHAANGA-SCHOLLUM, Desna. Problematizing Replicable Design to Practice Respectful, Reciprocal, and Relational Codesigning with Indigenous People. **Design and Culture**, v. 11, n. 1, p. 59-84, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17547075.2019.1571306>>. Acesso em: 13 set. 2023.

ANN-NOEL, Lesley. Envisioning a pluriversal design education. In: PIVOT 2020: DESIGNING A WORLD OF MANY CENTERS - DRS PLURIVERSAL DESIGN SIG CONFERENCE, 2020. Disponível em: <<https://dl.designresearchsociety.org/pluriversaldesign/pivot2020/researchpapers/6/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

ANN-NOEL, Lesley. **The Positionality Wheel**. 2018. Disponível em: <<https://lesleyannnoel.wixsite.com/website>>. Acesso em: 13 set. 2023.

ANN-NOEL, Lesley; PAIVA, Marcelo. Learning to Recognize Exclusion. **JUS - Journal of User Experience**, v. 16, n. 2, p. 63-72, 2021. Disponível em: <<https://uxpajournal.org/learning-recognize-exclusion/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. O metaprojeto nos níveis do design. In: P&D, 12., Belo Horizonte, 2016. **Anais [...]**. São Paulo: Blücher, 2016. p. 1416-1428. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-metaprojeto-nos-nveis-do-design-24356>>. Acesso em: 13 set. 2023.

BITTENCOURT, Gustavo Berwanger; FREIRE, Karine de Mello. Spirituality based codesign. Searching ways to operate a sentipensante participatory design. In: PDC '22. **Proceedings of the Participatory Design Conference 2022**, p. 58-62, 2022. Disponível em: <<https://dl.acm.org/doi/10.1145/3537797.3537810>>. Acesso em: 13 set. 2023.

BLEWITT, John. **Understanding Sustainable Development**. London: Earthscan, 2008.

BØDKER, Susanne; EHN, Pelle; SJÖGREN, Dan; SUNDBLAD, Yngve. **Cooperative Design**: perspectives on 20 years with 'the Scandinavian IT Design Model. Keynote presentation, NordiCHI 2000. Estocolmo: CID-104, KTH, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237225075_Cooperative_Design_-_perspectives_on_20_years_with_-'the_Scandinavian_IT_Design_Model>. Acesso em: 13 de set. 2023.

BROWN, Brené. **A arte da imperfeição**: abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo. São Paulo: Sextante, 2020.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Our common future**: World Commission on Environment and Development. 1987. Disponível em <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>>. Acesso em 15 set. 2023.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, Sello Editorial, 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for te pluriverse**. Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds. Durhan: Duke University Press, 2018.

ESCOBAR, Arturo. Thinking-feeling with the Earth: Territorial Struggles and the Ontological Dimension of the Epistemologies of the South. **Antropólogos Iberoamericanos En Red**, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2015. Disponível em: <<https://doaj.org/article/0b1a907ed8194114b245f7a5807d861d>>. Acesso em: 13 set. 2023.

GÓMEZ, Patrícia Botero. Sentipensar. In: KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto (orgs.). **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

GREGORY, Judith. Scandinavian Approaches to Participatory Design. **International Journal of Engineering Education**, v. 19, n. 1, p. 62-74, 2003. Disponível em: <<https://www.ijee.ie/articles/Vol19-1/IJEE1353.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2023.

HANH, Thich Nhat. **Peace is every step**. Nova Iorque: Random House, 1995.

HANH, Thich Nhat. **The Art of Living**: Peace and Freedom in the Here and Now. Nova Iorque: HarperOne, 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2021.

IBARRA, Maria Cristina. Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante: correspondencias con un colectivo de residentes. In: PARTICIPATORY DESIGN CONFERENCE 2020. **Anais** [...], v. 3, FII 19, p. 93-103. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.pdc2020.org/wp-content/uploads/2020/06/Aproximaciones-a-un-disen%CC%83o-participativo-sentipensante-correspondencias-con-un-colectivo-de-residentes-en-Rio-de-Janeiro.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIGHT, Ann. Design and Social Innovation at the Margins: Finding and Making Cultures of Plurality. **Design and Culture**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17547075.2019.1567985?journalCode=rfdc20>>. Acesso em: 23 set. 2023.

MANDALA. In: RIGPA SHEDRA WIKI: an online encyclopedia of Tibetan Buddhism. Disponível em: <<https://www.rigpawiki.org/index.php?title=Mandala>>. Acesso em: 23 set. 2023.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: UNESCO, 2000.

PÖRTNER, H.-O.; ROBERTS, D.C.; POLOCZANSKA, E.S.; MINTENBECK, K.; TIGNOR, M.; ALEGRÍA, A.; CRAIG, M.; LANGSDORF, S.; LÖSCHKE, S.; MÖLLER, V.; OKEM, A. (eds.). IPCC. Summary for Policymakers. In: IPCC. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

SAMTEN, Padma. **Encantamento e auto-organização**: retiro com o Lama Padma Samten #1. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1 h 26 min 55 s). Publicado pelo canal Lama Padma Samten. Disponível em: <<https://youtu.be/VPDQjtYkL2Q>>. Acesso em: 23 set. 2023.

SAMTEN, Padma. Gestão por Mandalas. In: CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS: Bodisatva, Viamão, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.cebb.org.br/gestao-por-mandalas/>>. Acesso em: 23 set. 2023.

SAMTEN, Padma. **Mandala do lótus**. São Paulo: Peirópolis, 2006.

SAMTEN, Padma. **Projeto terra pura**: gestão por mandalas. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2 h 05 min 29 s). Publicado pelo canal Lama Padma Samten. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajBX2Nb5wEk>>. Acesso em: 23 set. 2023.

SAMTEN, Padma. **Relações e redes**. Viamão: Ação Paramita, 2019.

SANDERS, Elizabeth B. N.; STAPPERS, Pier J. Co-creation and the new landscapes of design. **Codesign**, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2008. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15710880701875068>>. Acesso em: 23 set. 2023.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive**: Women, Ecology and Development. Nova Déli: Kali for Women, 1988.

WAHL, Daniel. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual, 2020.

WALKER, Stuart. **Design and Spirituality**: a philosophy of Material Cultures. Oxon: Routledge, 2021.